



Sociologia, modernidade e individualismo em Georg Simmel – Um estudo a partir da *Filosofia do Dinheiro*

Iago Vinicius Inacio*

* Bacharel em Sociologia, Universidade de Brasília (UnB)

Resumo: O presente artigo consiste num estudo sobre a *Filosofia do Dinheiro*, de Georg Simmel, a partir da análise das teorias da modernidade e do individualismo elaborada pelo intelectual alemão, demonstrando como a concepção simmeliana do moderno encerra reflexões críticas sobre as condições de existência dos indivíduos nessa época. Nesse sentido, este artigo se subdivide em cinco itens: no primeiro, analiso alguns pressupostos metodológicos de Georg Simmel que impactam na sua concepção de sociologia e na sua definição das relações entre o dinheiro e o processo de diferenciação, crucial para compreender a sua teoria do individualismo; no segundo, analiso as relações entre economia monetária e liberdade individual no âmbito do moderno; no terceiro, analiso a relação entre economia monetária e estilo de vida; no penúltimo item, prossigo as reflexões acerca da concepção simmeliana de estilo de vida, tendo em vista apreender as relações entre seus pressupostos epistemológicos e a sua teoria do individualismo, que contém elementos de crítica à modernidade; o último item contém as considerações finais do artigo, que demonstram como a teoria simmeliana da modernidade encerra uma teoria do individualismo, que enseja a sua crítica da modernidade enquanto a época da tragédia da cultura, na qual subsiste um abismo entre a cultura dos sujeitos e a cultura dos objetos.

Palavras-chave: Georg Simmel; individualismo; modernidade; teoria sociológica clássica.

Abstract: This work aims to analyze the theories of modernity and individualism elaborated by Georg Simmel in his book *Philosophy of Money*, demonstrating how the simmelian conception of the modern contains critical reflections on the individuals' existence conditions in this time. In this sense, this article is subdivided into five parts: in the first, I analyze some methodological assumptions of Georg Simmel that impact on his conception of sociology and on his definition of the relations between money and the process of differentiation, crucial for understanding his theory of individualism; in the second, I analyze the relations between monetary economy and individual freedom in the realm of the modern; in the third, I analyze the relation between monetary economy and "lifestyle"; in the penultimate part, I continue the reflections on the simmelian conception of "lifestyle", in order to apprehend the relations between its epistemological assumptions and its theory of individualism, which contains elements of criticism of modernity; the last item contains the final considerations of the article, which demonstrate how the simmelian theory of modernity contains a theory of individualism, which raises its critique of modernity as the epoch of the "tragedy of culture", in which an abyss exists between the culture of the subjects and the culture of objects.

Keywords: Georg Simmel; individualism; modernity; classical sociological theory.

No presente trabalho, analiso a teoria da modernidade de Georg Simmel a partir da leitura crítica da *Filosofia do Dinheiro*, livro no qual o autor apresenta “os postulados que, na constituição psíquica, nas relações sociais, na estrutura lógica das realidades e dos valores, atribuem ao dinheiro seu sentido e posição prática” (2009, p. 14). Nessa obra, o autor analisa o dinheiro enquanto “meio, material ou exemplo necessários para apresentar as relações entre, de um lado, os fenômenos mais exteriores, mais realistas, mais acidentais e, de outro, as potencialidades mais ideais da existência, as correntes mais profundas da vida individual e da história” (Ibid., p. 16). A importância da *Filosofia do Dinheiro* consiste, como se pode inferir a partir desta citação retirada de seu “Prefácio”, em analisar o dinheiro enquanto o conciliador da exterioridade e a substância interior. Este aspecto indica que a obra ultrapassa a economia enquanto disciplina e busca conexões entre o econômico e o psíquico.

A busca de conexões entre a exterioridade e a interioridade faz da *Filosofia do Dinheiro* uma obra que devota considerável atenção aos processos de diferenciação, que separam sujeito e objeto, e às condições de existência dos indivíduos no estilo de vida moderno. Assim, a obra consiste numa teoria da modernidade, na medida em que estabelece a relação entre a economia monetária e o ápice do processo de diferenciação. O caráter moderno das sociedades que partilham o estilo

de vida que tem no dinheiro a sua (ou uma de suas) gênese(s), leva Simmel a opor, em vários momentos do livro, as sociedades modernas a outras formas sociais que as precedem (como a Antiguidade Greco-romana, o período medieval, os povos primitivos da América do Sul e da Austrália, dentre outros) – de modo que esse estilo repercute sobre as vidas individuais e sobre a vida coletiva, o que permite o surgimento de novas relações de dependência, mais impessoais, com o correspondente aumento da liberdade individual. Por essa razão, a *Filosofia do Dinheiro* é, enquanto uma teoria da modernidade, uma teoria do individualismo, ou seja, das condições de existência dos indivíduos num período definido como o cume do processo de diferenciação e da liberdade individual que dele deriva, associados, por sua vez, ao desenvolvimento da economia monetária.

Com base nesses aspectos da *Filosofia do Dinheiro*, analiso, respectivamente, os seguintes temas: 1) a concepção de sociologia de Georg Simmel, tal como exposta em “O problema da sociologia” – originalmente publicado em 1894 e, posteriormente, inserido como primeiro capítulo da *Sociologia*, de 1908 –, o modo como a *Filosofia do Dinheiro* absorve as indagações no primeiro ensaio e seu impacto sobre a teoria de Simmel no que diz respeito ao processo de diferenciação; 2) as relações entre economia monetária, diferenciação e liberdade individual; 3) a teoria da modernidade de Simmel, que,

valendo-se dos dados a serem apreendidos nos itens anteriores, aponta a relação entre economia monetária e o estilo de vida das sociedades modernas, de modo a realçar as condições de existência dos indivíduos; 4) as implicações dos seus pressupostos epistemológicos na apreensão dos meandros da individualidade no âmbito do moderno, fundamento para a sua crítica da modernidade. Baseado nestes temas, busco expor de que modo a teoria da modernidade de Simmel, que guarda pressupostos caros à filosofia e à sociologia¹, engloba uma teoria do individualismo, ou seja, a autonomização das personalidades individuais e suas condições de existência, opostas às relações de outros períodos.

I

A concepção de sociologia de Simmel tem como fundamento, tal como outras ciências que buscam compreender os fenômenos históricos, a ação recíproca dos indivíduos. Contrapondo-se à concepção relativista, que defendia que a sociologia seria a ciência de tudo que é humano, Simmel defende uma nova definição de sociedade, que embasaria, por

¹ Vale ressaltar que a relação entre sociologia e filosofia em Georg Simmel não consiste numa separação radical; ao contrário, a sociologia simmeliana é pautada pelo diálogo com a tradição filosófica.

sua vez, uma nova visão de sociologia, a partir da distinção entre forma e conteúdo da sociedade. A sociedade consiste, portanto, na ação recíproca de vários indivíduos que nasce de certas pulsões ou com vistas a alcançar determinados fins (cf. SIMMEL, 2013, p. 43). De acordo com o autor, os conteúdos da sociação (*Vergesellschaftung*) – “pulsões, interesses, objetivos, tendências, estados e movimentos psíquicos, podendo engendrar um efeito sobre os outros ou receber um efeito deles” (Ibid., p. 44) – tidos como a matéria da sociação, não são por si mesmos *sociais*. Ao contrário, a sociação “é, portanto, a forma, de inumeráveis e diversas realizações, na qual os indivíduos constituem uma unidade fundada sobre esses interesses [...] e no interior da qual esses interesses se realizam” (Ibid., *ibid.*).

A sociologia, enquanto um método novo para o estudo da vida social, deveria se debruçar sobre as formas de sociação. Tendo em vista a delicadeza da questão, Simmel reconhece que as formas e os conteúdos da sociação, que, em qualquer situação histórica concreta, aparecem inextricavelmente associados, podem ser separados pela abstração científica da sociologia. O fato de tomar como objeto as formas de sociação definiria a sociologia enquanto ciência autônoma, visto que as

outras ciências estudam os conteúdos da vida social. Algumas formas de sociação analisadas pelo autor em *Sociologia* [1908] são: o conflito, o pobre, as formas dominação e subordinação, a fidelidade e a gratidão, o estrangeiro, a determinação quantitativa do grupo, dentre outros.

Outros três aspectos da concepção simmeliana de sociologia são fundamentais, como veremos, para as reflexões do presente estudo. Simmel realça a importância dos fatos microssociológicos, que produzem a sociedade e a revelam em seu estado nascente, sendo, portanto, peças fundamentais para a sociação, que “nos ligam sem cessar aos outros” (Ibid., p. 56). Essa atenção aos aspectos “microscópicos” da vida social pode ser observada, por exemplo, na breve análise que o autor realiza num pequeno trecho do capítulo terceiro (“Sociabilidade”) de *Questões fundamentais de sociologia*, no qual Simmel reflete sobre a importância da forma da conversa para a sociabilidade (cf. SIMMEL, 2006, pp. 74-77).

A concepção simmeliana de sociologia também se caracteriza por não apartar a sociologia da psicologia, tal como Durkheim o fez em suas formulações. Isso não significa que Simmel afirme a indistinção entre as duas ciências, mas que, ao considerar que os fatos da sociação são fenômenos psíquicos produzidos historicamente, deve-se ter em mente que a sua compreensão recorre a categorias psicológicas.

Por fim, a sociologia simmeliana considera dois campos filosóficos para a delimitação do conhecimento sociológico: a epistemologia e a metafísica (SIMMEL, 2013, pp. 61-62).

Tendo em vista essa breve síntese da concepção de sociologia de Simmel, observemos como *Filosofia do Dinheiro* absorve essas questões, de modo que se possa reconhecer que essa obra também possui contribuições à sociologia, ainda que este não seja seu propósito metódico. Para tanto, passemos às reflexões do autor acerca do processo de diferenciação.

No primeiro capítulo da *Filosofia do Dinheiro*, “O valor e o dinheiro”, Simmel expõe os fundamentos da sua teoria do processo de diferenciação, que separa sujeito e objeto. De acordo com o autor, o início da vida psíquica caracteriza-se pela indiferenciação entre sujeito e objeto, de modo que, originalmente, não há uma separação radical entre ambos. Para demonstrar esse fenômeno, Simmel opõe a Antiguidade e os Tempos Modernos:

Essa relação evolucionista entre o sujeito e o objeto se reproduz finalmente na escala mais vasta: o universo intelectual da Antiguidade clássica difere principalmente dos Tempos modernos quanto ao fato de estes últimos serem os únicos a conceber a inteira profundidade e a acuidade da noção do eu – que culmina na importância, estranha à Antiguidade, do problema da liberdade –, assim como a autonomia, a força da noção de objeto, tal como ela se

expressa a partir da ideia das leis invioláveis da natureza (Ibid., p. 28).

É interessante observar que neste trecho do início do livro, Simmel já estabelece uma relação desenvolvida nos capítulos da segunda parte da obra: a questão da liberdade e a “profundidade e a acuidade da noção do eu”, que leva ao desenvolvimento da individualidade. O ato de mencionar esses aspectos já marca *Filosofia do Dinheiro* como a obra em que Simmel apresenta a sua teoria da modernidade e, por conseguinte, a teoria do individualismo.

Simmel defende que sujeito e objeto nascem do mesmo ato – o ato voluntário, mas não em qualquer vontade, senão a partir do *desejo*, no qual o conteúdo desejado se transforma em objeto, de modo que: “O objeto assim estabelecido, caracterizado pelo seu distanciamento do sujeito, que o desejo deste constata ao buscar suplantá-lo – é para nós um valor” (Ibid., p. 31). Esse distanciamento do objeto desejado em face do sujeito que deseja leva à diminuição dos afetos e à representação do que é objetivo em si (cf. Ibid., p. 37). A partir dessa distância, forma-se a consciência do eu. De acordo com o autor, o sentido do distanciamento dos objetos frente aos sujeitos é que ele seja superado: “Distanciamento e aproximação são, também na ordem prática, noções correlatas, uma supondo a outra e ambas formando os

aspectos dessa relação com as coisas que, subjetivamente, nós chamamos desejo, e objetivamente seu valor” (Ibid., p. 44).

O processo de diferenciação, que ocorre a partir da formação do valor dos objetos, intensifica-se, segundo o autor, nas economias plenamente desenvolvidas, pois forma-se uma espécie de “império objetivo” das coisas face ao indivíduo. A compensação entre duas coisas faz com que “a determinação do valor, pela sua relatividade, as objective” (Ibid., p. 49). Sendo assim, a objetividade da vida econômica, cujos movimentos são realizados além dos indivíduos, tem sua validade para os sujeitos realizada na troca. Se considerarmos esta ênfase na troca enquanto “medida objetiva das valorações subjetivas, que não lhes é anterior, o todo consistindo num único ato” (Ibid., p. 52), pode-se estabelecer uma ligação entre a concepção simmeliana de sociologia e a sua *Filosofia do Dinheiro*. De acordo com Simmel:

É necessário levar em consideração que a maioria das relações entre os humanos podem ser reunidas na categoria da troca: *ela representa a interação ao mesmo tempo mais pura e mais intensa, constitutiva da vida humana em termos de matéria e de conteúdo*. [...] Seguramente, interação e troca representam a mesma noção, no sentido mais amplo e mais estrito do termo. Enquanto nosso destino natural faz de cada dia um contínuo de ganhos e perdas, de fluxo e refluxo de conteúdos vividos, ele se espiritualiza na troca, quando, conscientemente, uma coisa é substituída por outra (Ibid., p. 53, grifo nosso).

A troca econômica é vista, por Simmel, como um fator social, que promove a interação entre os indivíduos, podendo ser encarada como uma forma de sociação nos termos propostos pela sociologia simmeliana. Sendo uma interação, ela apresenta como um fenômeno psíquico, que tem repercussões na vida individual, que busca superar os sacrifícios que se interpõem entre os seus desejos e os objetos econômicos. Além disso, a fixação dos conteúdos da troca é uma garantia da sociedade, na medida em que engendra uma regulamentação propriamente social, o que confere à troca o caráter de uma “figura sociológica *sui generis*” (Ibid., p. 81).

Tendo em vista que o valor econômico se estabelece ao se considerar os sacrifícios interpostos entre o desejo subjetivo e o objeto, Simmel realça que a condição da troca é a igualdade do valor. Assim, a formação do valor é, em si mesma, fundada na relatividade, ou seja, no ato de comparar os sacrifícios aos quais os indivíduos envolvidos na troca se submetem para conseguir os objetos desejados. Sendo assim, há um fundamento objetivo capaz de igualar os valores dos objetos econômicos quando se iguala os sacrifícios para obtê-los.

O dinheiro representa o ápice da relatividade entre os objetos, pois “se o valor econômico dos objetos reside na relação de troca que eles tecem, o dinheiro é a expressão dessa relação até a sua autonomia” (Ibid., p.

110). O dinheiro possui, além disso, caráter dual, de modo a expressar a relatividade das coisas e ser ele mesmo um valor, o que indica que ele não se desloca do mesmo modo que, na sua ausência, a mudança do preço de um objeto indica a mudança na relação entre eles. No que concerne ao dinheiro:

seu mais ou seu menos é o deslocamento do qual ele se trata, abstraído dos seus suportes e assumindo a forma de uma expressão autônoma. Esta posição do dinheiro forma uma unidade com o que, sob o ângulo da qualidade interior, se qualifica como justamente a sua ausência de qualidade e individualidade (Ibid., p. 114).

Esses aspectos constituem a indiferença do dinheiro, o que o torna o ponto último de uma série evolutiva que tem como polos o individual (que não tolera nenhuma trocabilidade) e o funcional (trocabilidade indistinta). O dinheiro ocupa, portanto, o lugar da mais pura funcionalidade; além disso, representa o ápice do processo de diferenciação, devido à sua indiferença e ao fato de ocupar o lugar da pura funcionalidade que lhe permite representar a relatividade do valor das coisas.

Vejamos no item a seguir os efeitos desse processo – associado ao desenvolvimento da economia monetária – sobre a vida individual, em especial sobre a questão do aumento significativo da liberdade,

reflexões contidas no capítulo quarto da *Filosofia do Dinheiro* - “Liberdade individual”.

II

O que evidencia que a economia monetária promove a liberdade individual é a passagem do fundamento subjetivo ao fundamento objetivo dos negócios. Este fenômeno leva, por sua vez, a uma nova forma de interdependência. Nesse sentido, o desenvolvimento da *personalidade*, conceito fundamental para compreender a teoria de Simmel sobre a liberdade, é um aspecto central. Simmel aponta como fenômeno crucial a passagem da pessoa à personalidade. A personalidade consiste numa unidade relativa, tornada real pelo fato de unificar múltiplos elementos e determinações que, se tomados isoladamente, são objetivos, ou seja, não são capazes de definir a própria personalidade que, segundo o autor, “confere a cada traço particular o caráter de personalidade subjetiva” (SIMMEL, 2009, p. 362). Nesse sentido, Simmel continua: “A misteriosa unidade da alma não é diretamente acessível à nossa faculdade de representação, ela deve num primeiro momento ser quebrada em múltiplas seções, cuja síntese, em seguida, permitirá designá-la novamente como esta unidade

determinada” (Ibid., pp. 362-363). Assim, a economia monetária, ao desenvolver quase por completo a personalidade assim determinada, faz com que as relações entre os indivíduos ponham em contato apenas alguns traços da personalidade. Por esse motivo, Simmel remete ao fato de dependermos de pessoas enquanto entregadores e trabalhadores, por exemplo, mas não de determinadas *personalidades*. Isto está relacionado ao fato de dependermos de um número cada vez maior de pessoas. Com base nisso, Simmel qualifica a evolução geral do seguinte modo: dependência de um número maior de pessoas e independência da personalidade, processo que se potencializa com a divisão do trabalho (cf. *ibid.* p. 363).

A importância do dinheiro nesse processo consiste no seguinte aspecto: “o dinheiro, pela sua flexibilidade e sua divisibilidade infinitas, torna possível essa multiplicidade das dependências econômicas e, por outro lado, ele favorece, pela neutralidade de sua essência, a supressão do elemento pessoal nas inter-relações humanas” (Ibid., p. 364). Esses traços opõem, segundo Simmel, a economia monetária às economias primitivas e antigas, cujo círculo de pessoas das quais se depende era muito restrito. Do mesmo modo, fica evidente a oposição entre pequenas cidades e grandes cidades, já que nestas predomina a objetividade unilateral das prestações.

A partir dessas reflexões, Simmel analisa as diferenças entre isolamento e independência (interior, ou seja, da personalidade). Quanto a isso, cabe mencionar que a questão da liberdade ocupa lugar central no pensamento de Simmel, tal como atesta a recorrência desse tema em textos de diversos momentos da sua carreira intelectual. Martinelli (2012) observa de que modo o tema da liberdade aparece em dois textos do filósofo alemão – *Introdução à ciência da moral* [*Einleitung in die Moralwissenschaft*], de 1892-1893, que possui um capítulo intitulado “A liberdade”, e o ensaio “Sobre a liberdade” [“Über Freiheit”], escrito em 1918 e publicado em 1922. Segundo a autora, a contribuição de Simmel consiste em estabelecer a conexão entre a “ideia de liberdade”, conceituada pela filosofia como ideal e imperativo, e a “experiência de liberdade”, concepção das ciências sociais assentada em noções infundadas, como a “liberdade absoluta” e o “Eu autorreferencial”, que definiam a liberdade como a ausência de relações.

Como Martinelli argumenta, Simmel aplica à liberdade o seu olhar característico – uma visão processual e não substancial do mundo que, para além de ser “relativista”, é “relacionista”, o que, ao estabelecer a conexão entre esses dois “polos” da liberdade, remete à própria

natureza do ser humano, que é “uma estrutura essencialmente aberta, orientada à reciprocidade” (2012, p. 97).

Martinelli defende, de outro lado, que a questão da liberdade é pensada por Simmel a partir de três “rotas”: 1) antropológica (pois a liberdade consiste numa relação consigo mesmo e com o que está fora); 2) ética (a liberdade necessita de vínculos e fronteiras); 3) cognoscitiva (o conceito de “continuidade” é mais adequado que o de “causalidade” para pensar a liberdade). Com base nessas três “rotas”, Martinelli defende que o pensamento de Simmel o aproxima dos outros teóricos clássicos², pois, ao pensar a relação entre indivíduo e grupo, aqueles “havia vislumbrado a possibilidade de escapar do controle asfixiante do grupo rumo à condição que abria horizontes à liberdade individual” (Ibid., p. 109).

De acordo com Simmel, portanto, independência não significa não dependência. O caso da solidão é ilustrativo desse fenômeno, pois, ao conduzir à determinação positiva do indivíduo, define-se não como ausência de relação, mas uma sociação negativa, que persiste enquanto interação, ainda que negativa.

² Waizbort (2013, pp 509-513), ao descrever os esforços de Simmel em institucionalizar a sociologia, aponta que nos anos 1880 o pensador alemão se interessa pelos temas sociais, que se revelam através das questões morais.

A liberdade individual não é a pura dissipação interna de um sujeito isolado, mas um fenômeno de correlação, que perde seu sentido se não há um par. Se toda inter-relação inter-humana é constituída de fatores de aproximação e distanciamento, a independência é uma relação na qual os últimos estão, de fato, presentes ao máximo, mas de onde os primeiros não podem mais desaparecer totalmente, assim como as noções de direita e esquerda [...] Ora, essa independência é dada, ao que parece, quando as inter-relações humanas são, portanto, muito vastas, mas que todos os elementos propriamente individuais lhe são descartados: influências recíprocas que se exercem de modo totalmente anônimo, decisões tomadas sem relação à pessoa concernente (2009, p. 366-367).

Simmel continua e afirma que “na troca entre sujeitos, voluntária ou comandada pela estrutura da relação, se manifesta a indiferença do momento subjetivo da dependência, suporte do sentimento de liberdade” (Ibid., p. 367). Para esclarecer este aspecto, o autor retoma o tema pelo qual ele inicia o capítulo: liberdade e obrigação não se opõem. Somente a obrigação em face de um senhor em particular é o oposto da liberdade.

³ “Diante das transações dos grandes financistas e dos grandes especuladores, o analista talvez reconheça a “mão” da personalidade, um estilo e um ritmo originais, distinguindo de modo característico as suas empresas daquelas de outros. Mas o que importa, sobretudo, aqui [...] é que o puro caráter quantitativo do dinheiro dá lugar, quando se trata de somas extraordinariamente elevadas, a uma nuance especificamente qualitativa. A indiferença, a usura, a banalidade, que são o lote do dinheiro impelido a

Outro aspecto do dinheiro que promove a liberdade individual é revelado pelo fato de o dinheiro *dissociar o ser do ter*. Simmel exemplifica esse aspecto apontando que não são necessárias aptidões especiais para se adquirir o dinheiro – exceto no caso das grandes transações financeiras³. Assim, as outras propriedades apresentam exigências bem precisas ao seu proprietário, de modo que se estabelece uma ligação precisa entre o seu ter e o seu ser – o que não ocorre com a posse do dinheiro, já que, devido à sua ausência de caráter, ela oferece o maior número de possibilidades de fruição, sem limitar, portanto, a personalidade do seu possuidor.

Simmel estabelece que a dissociação entre o ser e o ter indica a realização de uma noção de liberdade. Para descrevê-la, o autor menciona não apenas a “dependência exterior”, ou seja, a dependência a aspectos que não subsistem na interioridade do ser humano, mas a sujeição interior e a noção de liberdade que a ela se opõe, que

circular constantemente, incitam menos as concentrações raras e viajantes do que gigantescos meios monetários em uma única mão. Ao que se adiciona o dado essencial segundo o qual o dinheiro reveste de uma natureza especial os “negócios financeiros” propriamente ditos, na medida em que ele não funciona mais como um meio de troca em relação a outras coisas, mas se torna o conteúdo central, o próprio objeto de transação, que não remete a nada além de si mesmo” (Ibid., capítulo IV, seção II, p. 380).

funcionam de modo análogo à liberdade em face de aspectos exteriores.

A liberdade nesse sentido, pode ser concebida como

uma divisão interna do trabalho, como uma emancipação e uma diferenciação recíprocas das pulsões, dos interesses, das faculdades. O ser humano é livre enquanto todo, no interior do qual cada energia particular se desenvolve e se realiza em conformidade exclusiva com seus objetivos e suas normas próprias (Ibid., p. 386).

Isso não significa que uma série psíquica particular não entre mais em relação com as outras séries; no entanto, como Simmel aponta, essa influência se dá pela ligação unicamente global e não mais em cada detalhe (cf. Ibid., p. 387).

Simmel também ressalta que a liberdade encontra seu limite na natureza do objeto possuído, o que fica evidente na analogia entre nossa vontade e o que um artista pode extrair do seu instrumento (cf. Ibid. pp. 401-402). O dinheiro ocupa o topo da escala dos objetos que podem ser conquistados por nossa vontade, já que o seu uso é ilimitado, na medida em que podemos empregá-lo da maneira mais adequada ao nosso querer. O dinheiro é, portanto, o objeto mais dócil (pois ele pertence absolutamente e sem restrições à nossa vontade) e o mais indócil (já que não possui nenhum conteúdo a ser apropriado).

Simmel estabelece a ligação entre o processo de separação entre a pessoa e a coisa e a diferenciação no interior da pessoa: “são em efeito os diferentes interesses, as diferentes esferas de atividade da personalidade que assumem, através da economia monetária, sua relativa autonomia” (Ibid., pp. 426-427). O dinheiro também confere ao indivíduo uma nova autonomia em face dos grupos de interesse graças ao processo de diferenciação no interior das associações. Sendo assim, as uniões guiadas pelo interesse monetário possibilitam a unificação dos interesses mais diversos, do mesmo modo que o crescimento dos grupos possibilita o maior desenvolvimento dos indivíduos.

Feitas essas reflexões acerca dos rumos da liberdade individual em decorrência do processo de diferenciação levado às suas últimas consequências pela economia monetária, vejamos o impacto desse processo no estilo de vida moderno.

III

No capítulo sexto da *Filosofia do Dinheiro*, “Estilo de vida”, Simmel expõe de modo mais direto a sua teoria do moderno e discute as repercussões do dinheiro. Assim, como afirma Waizbort:

“Estilo” não era uma palavra que se expressasse, nos anos que antecedem a 1900, na expressão “estilo de vida”. Trata-se de uma inovação terminológica e analítica de Simmel, que fez enorme fortuna no decorrer da história da sociologia. Ao mobilizar a categoria “estilo”, Simmel aponta para o universo da estética, de onde o termo é oriundo. A rubrica “estilo de vida” permite a Simmel uma análise do social caracterizada pela variedade do que é visado: estilo de vida recobre um domínio praticamente infinito; no caso da *Philosophie des Geldes*, a variedade enorme dos efeitos do dinheiro sobre a vida. Estilo de vida indica, ainda, uma abordagem estética do problema, tal como exposta no prefácio da *Philosophie des Geldes* (2013, p. 169).

A partir disso, vejamos abaixo alguns aspectos que Simmel menciona como característicos do Estilo de vida moderno.

O primeiro traço evidenciado pelo autor, logo nas primeiras linhas do capítulo, é que a energia psíquica característica dessas formas sociais é o entendimento, contrária às outras energias – notadamente os sentimentos e a alma. De acordo com Simmel, isto deriva do fato de o dinheiro ser um meio. No entanto, o intelecto é incapaz de criar a realidade de um dado meio, sem que ele esteja ligado a um fim, criado, por sua vez, a partir de um ato voluntário. Devido a essa característica da intelectualidade, quanto maior a presença do intelecto, maior o número e a largura das séries de meios que constituem o conteúdo de nossa atividade. De outro lado, quanto menores os meios empregados para obtermos um fim, maior a presença dos afetos, dos sentimentos.

Por esse motivo, Simmel opõe a “época presente”, cujas séries telológicas são excessivamente grandes, aos momentos anteriores, em especial à Idade Média, para a qual a visão do fim não aparecia tão distanciada.

Tendo em vista esses aspectos (transformação de todos os elementos da vida em meios e crescimento do intelecto no interior das atividades humanas), Simmel nota que a relação entre o dinheiro e o intelecto molda uma característica negativa fundamental da época moderna: a ausência de caráter, que, por sua vez, é inerente à natureza de ambos. Quanto a isso, Simmel esclarece:

Se caráter significa realmente que as pessoas ou as coisas estão fixadas deliberadamente sobre um modo de existência individual, diferentemente e exclusivamente em detrimento de todos os outros, então o intelecto enquanto tal ignora-os por completo: pois ele é o espelho indiferente da realidade, na qual todos os elementos têm os mesmos direitos, porque seu direito consiste unicamente no seu ser real (2009, p. 549).

De outro lado, o autor também ressalta que o intelecto não é pura negatividade, o que é observável a partir de diversos exemplos: a) apaziguamento da vida afetiva (em contraposição à “rude parcialidade das épocas anteriores” (Ibid., p. 550)); b) a facilidade de compreender no plano intelectual as posições mais distintas; c) a tendência à

conciliação (derivada da “indiferença quanto às questões fundamentais da vida interior” (Ibid., ibid.)); d) a ideia de “paz universal”.

Simmel analisa a objetividade do estilo de vida moderno⁴. De acordo com o autor, objetividade deriva da própria natureza da inteligência (outra denominação utilizada pelo filósofo alemão para “intelecto”); além disso,

[Essa] é a única maneira para o ser humano entrar em uma relação com os objetos que não seja determinada pelas contingências do sujeito. Mesmo admitindo que toda a realidade objetiva seja determinada pelas funções do nosso espírito, nós qualificamos como inteligentes as funções que a fazem aparecer como objetiva, no sentido específico do termo, quando, no entanto, a própria inteligência é animada e dirigida por outras forças (Ibid., p. 553).

Simmel também aponta que a intelectualidade permite a intensificação do individualismo social:

A validade universal da intelectualidade em função dos seus conteúdos, que vale, então, para toda inteligência individual, age no sentido de uma atomização da sociedade; cada indivíduo aparece, tanto por meio dela quanto a partir dela, como um elemento fechado sobre si mesmo em torno de cada outro indivíduo, sem que essa generalidade abstrata possa de qualquer maneira passar a uma generalidade concreta, na qual o indivíduo

poderia formar uma unidade de concerto com os outros (Ibid., p. 559).

Essa dupla faceta da intelectualidade (um caráter objetivo ao mesmo tempo em que favorece as individualidades) é ilustrada, no tópico seguinte do mesmo capítulo, a partir da questão da cultura no âmbito das sociedades modernas. Simmel discute essa mesma questão a partir das relações entre cultura objetiva e cultura subjetiva.

Depois de explicar o que chama de “conceito universal de cultura”, Simmel apresenta uma relação característica da cultura contemporânea em oposição a outros contextos históricos: *a discrepância entre cultura subjetiva e cultura objetiva*, considerando as suas implicações para o estilo de vida do período. Ao identificá-la, Simmel indaga sobre a maneira como esse fenômeno se explica, dado que

toda cultura das coisas [...] é uma cultura dos humanos, de modo que ao formar as coisas nós não formamos nada além de nós mesmos – o que significa então essa evolução, esse desenvolvimento, essa espiritualização dos objetos a partir de suas forças e de suas normas intrínsecas, sem que paralelamente as almas pessoais surjam nesse processo ou ao seu contato? (Ibid., p. 574).

⁴ Isso repercute no fato de que “O espírito moderno tornou-se mais e mais um espírito contábil” (Simmel, 2005, p. 580).

De acordo com o autor, essa questão reconstitui o enigma da relação entre a vida em sociedade e a existência individual, ou seja, entre cultura objetiva e cultura subjetiva (sendo a primeira um “reino de validades objetivas” acumuladas pela espécie humana). O autor também afirma que esse “reino” é constituído por “conteúdos pré-formados” que não são passíveis de serem absorvidos pelos indivíduos, nem mesmo quando estão ligados a materiais – livros, ferramentas, obras de arte, etc. Além disso, a cultura objetiva não habita na matéria enquanto tal. Com isso, Simmel realça a importância da formação do espírito objetivo, que se constituiria como uma “categoria propriamente histórica da humanidade” (Ibid., p. 579), o que reafirma o seu caráter crucial para a diferenciação entre ser humano e animal. Simmel aponta a centralidade da divisão do trabalho no processo que culmina na discrepância entre cultura subjetiva e cultura objetiva para a formação do estilo de vida na contemporaneidade. O primeiro aspecto desse processo citado pelo autor é o fato de o produto do trabalho dividido reunir energias, qualidades e intensidades exteriores ao produtor isolado – o que se manifesta na moderna técnica de produção. Além disso, “essa acumulação de qualidades e perfeições sobre o objeto formando sua síntese segue rumo ao infinito, enquanto a construção das individualidades a cada fase da história, encontra um limite intransponível na sua determinação natural” (Ibid., p. 596). Simmel

afirma que este aspecto pode obscurecer as possibilidades de perfeição que só podem ser alcançadas enquanto obra de um único sujeito.

Depois de citar vários casos que demonstram a discrepância entre cultura objetiva e cultura subjetiva (dentre os quais o mais notável é a moda) e os casos em que ocorre justamente o contrário (como a situação das mulheres), Simmel finaliza o item enunciando a relação entre o duplo caráter do dinheiro e a discrepância, ou somente separação, entre cultura subjetiva e cultura objetiva. O dinheiro é “ao mesmo tempo símbolo e causa da exteriorização indiferente de tudo que se deixa se exteriorizar com indiferença, ele se torna também o guardião da intimidade profunda, que não pode agora se instalar no interior das suas fronteiras” (Ibid., p. 602).

De acordo com Gabriel Cohn, pode-se afirmar sobre Simmel que “a sua visão visceralmente sociológica está orientada para ver a sociedade na perspectiva das aproximações e dos afastamentos, do jogo sutil das distinções entre o estar mais próximo ou mais longe” (1998, p. 53). Isso se faz sentir na caracterização do estilo de vida moderno presente no último tópico da *Filosofia do Dinheiro*. Nele, Simmel se vale da analogia espacial para demonstrar como se dá esse movimento de aproximação e distanciamento nas sociedades em que a economia monetária está plenamente desenvolvida. De acordo com o autor, o que



caracteriza o ser humano moderno é o fato dele se distanciar dos círculos mais próximos e se aproximar dos círculos mais distantes, processo que deriva tanto do dinheiro, quanto da divisão do trabalho – e, por que não, da própria vida nas grandes cidades⁵.

De modo semelhante, Simmel realiza uma analogia temporal para caracterizar o estilo de vida moderno: a questão do ritmo, da cadência da vida moderna. De acordo com o autor, ritmicidade e arritmicidade oscilam e fazem do movimento constante o aspecto central da vida moderna.

IV

As relações entre a noção de “Estilo de vida” e a posição epistemológica de Simmel são fundamentais para a compreensão da sua teoria do individualismo apresentada em *Filosofia do Dinheiro*. A partir disso, analiso neste subitem a maneira segundo a qual o seu pensamento contém uma noção de totalidade que dá origem a implicações na sua

⁵ E aqui cabe mencionar, mais uma vez, o ensaio do autor sobre “As grandes cidades e a vida do espírito” (2005) como uma boa exposição dessa correlação elaborada por Simmel.

concepção de individualismo – que, ao possuir elementos da dialética entre o individual e o universal, consiste em expor os meandros da individualidade moderna em seus diversos movimentos.

A posição epistemológica de Simmel pode ser derivada da atenção que o autor conferiu aos fenômenos espirituais, o que levou Vieillard-Baron (1989) a afirmar que a sua obra consiste numa recuperação dos problemas filosóficos hegelianos, abandonando, por sua vez, o sistema de Hegel. Assim, a obra simmeliana contém uma “filosofia do espírito” (VIEILLARD-BARON, 1989, p. 9), base dialética da qual derivam elementos que repercutem nas suas reflexões de interesse sociológico.

A concepção simmeliana não se restringe ao conceito de causalidade, que remete à visão “mecanicista” do mundo, insuficiente para compreender o mundo espiritual “já que não considera o homem inteiro, mas sim unicamente suas funções mecânicas, que são as funções enfatizadas pelo tecnicismo da modernidade e da cultura objetiva” (MARTINELLI, 2012, p. 107). A isso Simmel opõe a categoria da “continuidade”, pois a vida⁶ “não é linear e transcorre, sobretudo, dentro de um movimento dinâmico marcado por um ir e vir

⁶ E aqui vale ressaltar que o segundo texto de Simmel analisado por Martinelli (2012), “Sobre a liberdade”, enquadra-se no âmbito da “filosofia da vida”, tema ao qual o filósofo alemão se dedicou em sua obra tardia, que consiste no desenvolvimento da sua metafísica.

de cálculo e imprevisibilidade; se move entre vínculos e ausência de vínculos; entre deveres e atuar criativo; entre necessidade e causalidade” (MARTINELLI, *ibid.*). Ao apontar as limitações da causalidade, Simmel possui uma visão dinâmica, processual e “relacional” – não meramente “relativista”. É por essa razão que o aspecto central da sociologia simmeliana é o conceito de “interação”, a partir do qual o autor atenta para as múltiplas relações entre os fenômenos. Além disso, essa crítica à noção de causalidade distancia, de modo análogo, a sua concepção de sociologia das ciências naturais já estabelecidas naquele contexto.

Outro aspecto da posição epistemológica de Simmel foi observado por Kracauer, que define a “essência” da filosofia simmeliana do seguinte modo: “*Todas as manifestações da vida espiritual [...] possuem incontáveis relações umas com as outras, nenhuma pode ser isolada das conexões que as ligam entre si*” (KRACAUER, 2009, p. 251, grifo do autor). O ato de estabelecer essas conexões levou Simmel a estabelecer para si duas tarefas: 1) evidenciar “os fios que envolvem os fenômenos como um todo” (KRACAUER, *ibid.*, p. 257); 2) “apreender o múltiplo como totalidade, tornando-se senhor desta totalidade para experienciar e exprimir sua essência” (Id., *ibid.*), sendo esta última a que permite ao filósofo buscar a “unidade do mundo”. A *Filosofia do Dinheiro* evidencia esse tipo de procedimento na medida em que

Simmel intenta apreender a trama das múltiplas relações associadas à economia monetária, tais como: a diferenciação, a liberdade, a personalidade, a subjetividade, a cultura, o estilo de vida moderno, etc.

Kracauer também evidencia outro aspecto da concepção de Simmel acerca da totalidade: a consideração do ser humano enquanto indivíduo singular, o que leva suas reflexões a adentrar

no fundo da natureza humana, lançando luz sobre o que ocorre em nosso interior e frequentemente sob a superfície de nossa consciência. Aventura-se, por assim dizer, com dedo sensível nos ângulos mais remotos de nossa psique, revelando aquilo que anteriormente era oculto; de tal modo que as pulsões mais secretas são desvendadas, e é destrinchada a ordem confusa de nossos sentimentos, das nossas aspirações, dos nossos desejos (KRACAUER, 2009, p. 246).

Disso resulta que Simmel confere atenção tanto ao ser humano em geral, desvelando-lhe os conteúdos psíquicos de sua generalidade, quanto às grandes personalidades. Assim, Simmel retrata os indivíduos como totalidades.

Os atos de considerar os indivíduos como totalidades e de conferir especial atenção aos meandros da interioridade afastam da obra de Simmel os determinismos sociais e a “visão substancial” de liberdade mencionada por Martinelli (2012), que tende a considerar o indivíduo

como isento de relações. Nesse sentido, uma das principais conexões que o autor busca estabelecer é aquela entre o universal, ou o social, e o individual. É desse modo que a sua visão processual/dialética torna-se evidente, em especial nos escritos mais programáticos da sua concepção de sociologia, mas também naqueles de “interesse sociológico”, como é o caso de *Filosofia do Dinheiro*.

Os elementos reunidos acima – a oposição de Simmel à noção de causalidade, a sua visão processual do mundo, a busca pelas conexões entre os fenômenos, o enfoque na totalidade derivada dessas conexões e o microcosmo individual como uma totalidade que não se identifica com o macrocosmo social, o que culmina na exploração dos meandros da interioridade humana – nos fornecem pistas interessantes para a análise crítica de *Filosofia do Dinheiro* e a noção de “estilo de vida” exposta no último capítulo da obra.

Em “Estilo de vida”, capítulo de *Filosofia do Dinheiro* que condensa a teoria simmeliana da modernidade (WAIZBORT, 2013, p. 169), pode-se identificar a sensibilidade de Simmel em relação à individualidade, que deriva dos seus pressupostos epistemológicos. Essa sensibilidade é observável no modo como o autor delinea o estilo de vida moderno, que tem no dinheiro o seu símbolo, que, por ser um meio, estabelece as conexões entre os fenômenos objetivos e subjetivos. O caráter duplo do

dinheiro, que permite a coexistência da ação isolante e da ação unificante, conciliadora, dá a tônica da sua argumentação acerca do estilo de vida. Desse modo, Simmel se vale do jogo de distanciamentos e aproximações que caracteriza o seu procedimento analítico.

Nesse sentido, um dos aspectos centrais do estilo de vida moderno é a preponderância da cultura objetiva sobre a cultura subjetiva. Simmel analisa as tensões que permeiam as relações entre sujeito e objeto na “época moderna”, conferindo grande atenção à individualidade em face do predomínio da cultura objetiva:

a vida moderna parece justamente engendrar uma tensão entre a universalidade do conteúdo objetivo e aquela da prática pessoal. Certos elementos adquirem uma universalidade de seu conteúdo cada vez maior, sua significação domina um número cada vez mais elevado de particularidades e de relações, seu conceito engloba, direta ou indiretamente, uma parte cada vez mais importante da realidade; isso se dá com o direito, os processos e os resultados da intelectualidade e o dinheiro. Mas, ao lado disso, há também sua acentuação em formas de vida subjetivamente diferenciadas, há a exploração pela prática do egoísmo de sua significação expansiva que toma toda maneira de interesse, há o completo desenvolvimento das diferenças pessoais graças a esse material nivelado, universalmente acessível e válido, que não oferece, portanto, nenhuma resistência à vontade específica (SIMMEL, 2009, capítulo VI, seção I, p. 565).

O dinheiro, enquanto mediador das trocas, favorece a preponderância do espírito objetivo. No entanto, devido ao seu caráter duplo, a cultura subjetiva encontra possibilidades de se desenvolver. A ênfase que Simmel confere a esse processo é observável no segundo item de “Estilo de vida”, pois o filósofo alemão, após expor diferentes exemplos do predomínio da cultura objetiva – dentre os quais se destacam a moda e a divisão do trabalho – refere-se a diversos fenômenos que comprovam o contrário: o desenvolvimento da cultura subjetiva também é significativo e, por vezes, ultrapassa os conteúdos do espírito objetivo. Nesses casos, a cultura objetiva não consegue acompanhar o crescimento das individualidades, aspecto característico da modernidade. O caso das mulheres é talvez o mais ilustrativo desses fenômenos:

As formas e os hábitos da vida conjugal, engessados, sufocantes para os indivíduos, opõem-se ao desenvolvimento pessoal dos cônjuges, em particular ao da mulher, tendo este já extrapolado há muito tais formas e hábitos. Os indivíduos visariam agora uma liberdade, uma compreensão, uma igualdade de direitos e de formações, as quais a vida conjugal, tal como ela se estabeleceu tradicionalmente e objetivamente, não deixariam nenhum espaço real. O espírito objetivo do casamento, pode-se afirmar desse modo, estaria atrasado em sua evolução, em face dos espíritos subjetivos (Ibid., capítulo VI, seção II, p. 595).

Aqui se observa, mais uma vez, o jogo da proximidade e da distância entre a cultura dos sujeitos e a cultura dos objetos que caracteriza o estilo de vida moderno.

A importância do dinheiro para a vida moderna reside, portanto, no ato de fomentar a interação entre o social e o individual, atuando como um guardião tanto do espírito objetivo quanto da “intimidade profunda” (Ibid., p. 602). Colocada essa interação, Simmel evidencia as tensões que envolvem as relações entre a cultura objetiva e a cultura subjetiva na modernidade, o que revela a existência do espaço para o desenvolvimento de ambas, ainda que a primeira seja preponderante. É interessante notar que, apesar de reconhecer e criticar a violência exercida pela excessiva objetivação da cultura – como exemplificam o crescimento vertiginoso da técnica, o direito universalizado, a intelectualidade, a divisão do trabalho e, principalmente, o dinheiro – o filósofo alemão não adota uma postura antimonetária, na medida em que aponta a seguinte contradição, que não depende do dinheiro *per se*:

Se disso resulta, portanto, esse refinamento, essa particularidade, essa interiorização do sujeito, ou se inversamente os objetos submetidos se tornam, por sua vez, senhores dos homens devido à facilidade de adquiri-los – isso não depende mais do dinheiro, mas justamente da pessoa (Id., *ibid.*).

Com isso, fica evidente um dos elementos da crítica de Simmel à preponderância da cultura objetiva, realçada pelos avanços da técnica: o conjunto de fenômenos que corroboram esse predomínio ameaçam os casos em que a subjetividade é muito acentuada, ou seja, entre as personalidades de “humor estetizante”. Ainda assim, a interioridade não é destruída, mas preservada sob o império do dinheiro.

Deve-se ressaltar, além disso, que a atenção conferida por Simmel aos meandros da individualidade no âmbito do moderno também se expressa em sua filosofia da cultura⁷, tal como se apresenta, dentre outros textos, no ensaio “O conceito e a tragédia da cultura” [1911]. Neste ensaio, o filósofo alemão retoma o jogo de aproximações e distanciamentos para apresentar o conceito de cultura, que reside no dualismo entre vida e forma: “Enquanto espírito intimamente ligado ao espírito, o sujeito vivencia incontáveis tragédias nesta profunda contradição de forma entre a vida subjetiva infatigável, mas temporalmente finita, e seus conteúdos, que, uma vez criados, são estáticos, mas têm validade atemporal” (2014a, p. 77). A cultura seria, portanto, “o caminho que sai da unidade fechada, passando pela

pluralidade desenvolvida, chegando à unidade desenvolvida” (Ibid., p. 79); o ser humano se cultiva quando sua interioridade inclui o que lhe é exterior – o que constituiria, para Simmel, o paradoxo da cultura (cf. Ibid., p. 81).

Tendo em vista que a cultura só pode existir pelo entrelaçamento dos elementos subjetivos e objetivos, a tragédia da cultura consiste na autonomização das “criações e esferas impessoais”, o que Simmel definiu em *Filosofia do Dinheiro* como “cultura objetiva”, o que leva à tensão entre aquelas e as normas e pulsões da personalidade. Disso resulta que: “O dualismo metafísico de sujeito e objeto [...] ressurgiu como discordância dos conteúdos empíricos e específicos de desenvolvimentos subjetivos e objetivos” (SIMMEL, 2014a, p. 95). Outra consequência desse fenômeno é o estranhamento que os objetos adquirem em relação aos sujeitos, que tem na reificação definida por Marx uma de suas expressões. O espírito objetivo se torna, portanto, incompatível à forma da vida pessoal, o que resulta na problemática da existência do ser humano, que Simmel define do seguinte modo:

presente e a teoria da modernidade. O nome dessa constelação, que é a constelação-guia desta interpretação, é cultura filosófica” (WAZBORT, 2013, pp. 115-116).

7 Quanto a isso, vale retomar a classificação que Leopoldo Waizbort realiza acerca do pensamento de Simmel: “Em poucas palavras, diria que pensamento abstrato e pensamento concreto articulam-se, em Simmel, em uma constelação que comporta tanto a filosofia da cultura como a análise do

o sentimento de ser circundado por inúmeros elementos culturais que não lhe são desprovidos de significação, mas que também não são, em seu fundamento, plenos de significação – elementos culturais que no conjunto possuem algo de opressivo, porque o homem moderno não pode assimilar a todos individualmente, e tampouco pode simplesmente descartá-los, uma vez que eles pertencem potencialmente à esfera do seu desenvolvimento cultural (Ibid., p. 102).

No trecho acima, percebe-se como se articulam a teoria do moderno de Simmel e a sua filosofia da cultura: a interioridade, como uma consequência da expansão da cultura objetiva – o que se deve, por sua vez, à expansão do dinheiro – tem como destino o distanciamento cada vez maior dos objetos que lhe permitiriam o cultivo de sua subjetividade. A existência dos seres humanos modernos é marcada pela tragédia que leva à dificuldade da reconciliação entre sujeitos e objetos, o que afeta, por sua vez, a psique moderna.

Nesse sentido, é igualmente necessário mencionar uma das análises exemplares da “sociologia filosófica” simmeliana para evidenciar outra faceta da sua teoria do individualismo: o conflito entre vida individual e vida coletiva e as duas formas de individualismo que buscam realizar a liberdade individual. Simmel argumenta que a divergência mais abrangente entre indivíduo e sociedade está ligada à forma da vida individual. “A sociedade quer ser uma totalidade em si mesma e uma

unidade orgânica, de maneira que cada um dos seus indivíduos seja apenas um membro dela” (SIMMEL, 2006, p. 84). Isso exige a especialização de cada indivíduo, o que contrasta com a sua busca de ser pleno em si mesmo e a possibilidade de “desenvolver a totalidade de suas capacidades, sem levar em consideração qualquer adiamento exigido pelo interesse da sociedade” (Id., *ibid.*). Por conseguinte, o conflito entre indivíduo e sociedade é uma forma de contraposição entre o todo e a parte, que também se pretende um todo.

A partir disso, Simmel analisa duas tendências distintas que visam conferir liberdade ao indivíduo: o individualismo quantitativo e o individualismo qualitativo. O primeiro foi concebido no século XVIII pelos fisiocratas, por Kant, Rousseau, dentre outros, através da aproximação entre o ideal de liberdade e o ideal do “estado natural” em que todos os indivíduos são iguais (SIMMEL, 2014b, p. 109). O último, ao contrário, se define pela busca por liberdade através da diferenciação dos indivíduos entre si, o que é expresso pelos românticos, como Schlegel e Goethe.

A consideração dessas duas formas de individualismo é fundamental para compreendermos o estilo de vida moderno segundo Simmel, em especial no que concerne à vida nas grandes cidades, pois, devido ao



grande crescimento da cultura objetiva, a individualidade é violentada e busca espaços para determinar a sua plenitude⁸.

V

A noção de “cultura filosófica” é o aspecto central da obra de Simmel, que não pode ser qualificado como um método, tal como Durkheim o concebia em suas *Regras do Método sociológico*. No contexto da *Filosofia do Dinheiro*, a sociologia (assim como a psicologia e a economia) não aparece como “ciência autônoma”, sendo mobilizada como uma dentre as perspectivas possíveis de cultura filosófica mais abrangente, o que subsidia a reflexão do autor acerca do fugaz e do fluido. Isso permitiu que Simmel pudesse interpretar as diversas facetas do Espírito moderno, caracterizado pelo movimento, pela maleabilidade e a labilidade. Nesse sentido, sua forma de exposição é

8 “Na luta e nas escaramuças mútuas desses dois tipos de individualismo, a fim de determinar o papel dos sujeitos no interior da totalidade, transcorre a história interior e exterior de nossa época. A função das cidades grandes é fornecer o lugar para o conflito e para as tentativas de unificação dos dois, na medida em que as suas condições peculiares se nos revelam como oportunidades e estímulos para o desenvolvimento de ambas.

o ensaio, “a forma de possibilidade de uma cultura filosófica” (WAIZBORT, 2013, p. 35).

A forma ensaística possibilitou a Simmel o feito de expor os meandros da modernidade, demonstrando como a economia monetária contribui para o surgimento de várias relações que distinguem o seu tempo dos que os antecederam. Por isso, Simmel mostra tamanha habilidade em notar a importância do dinheiro para o desenvolvimento da individualidade e da liberdade individual. Com o que foi exposto, pode-se perceber que a época moderna é o momento de autonomia dos indivíduos, da liberdade aguda, mas é também o momento da discrepância entre cultura objetiva e cultura subjetiva, de modo que a reconciliação entre ambas é perdida do horizonte. É por isso que, como Souza (2000) ressalta, a obra de Simmel se insere na crítica da teoria sociológica clássica às contradições da modernidade, a época da técnica, do império dos objetos apartados dos sujeitos, que a partir deles deveriam se cultivar. Assim, a subjetividade moderna é caracterizada

Com isso as cidades grandes obtêm um lugar absolutamente único, prenhe de significações ilimitadas, no desenvolvimento da existência anímica; elas se mostram como uma daquelas grandes formações históricas em que as correntes opostas que circunscrevem a vida se juntam e se desdobram com os mesmos direitos” (SIMMEL, 2005, p. 589).

pela constante tragédia – um diagnóstico crítico do modelo civilizatório europeu que encontra ecos na concepção freudiana do “mal-estar” na cultura – como Brenna (2009) argumentou. Nesse sentido, analisar a teoria do individualismo de Simmel é, ao mesmo tempo, observar a crítica que o autor esboça acerca da modernidade.

Referências Bibliográficas

BRENNNA, Jorge E. *De la tragedia al malestar en la cultura: Georg Simmel y Sigmund Freud*. Argumentos, Xochimilco, ano 22, n. 60, mai-ago 2009, pp. 59-78.

COHN, Gabriel. *As diferenças finas: de Simmel a Luhman*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 13 (38), out., 1998 pp. 53-62.

KRACAUER, Siegfried. “Georg Simmel”. In: _____. *O ornamento da massa*. São Paulo: Cosac Naify, 2009, pp. 243-278.

MARTINELLI, Mónica. *Idea y experiencia de la libertad. Algunas consideraciones sobre el pensamiento de Georg Simmel*. Sociológica. Cidade do México, ano 27, no. 76, mai-ago, 2012, pp. 89-114.

SIMMEL, Georg. *Philosophie de l'argent* [Filosofia do Dinheiro]. Paris: Presses Universitaires de France, 2009.

_____. *Sociologie. Études sur les formes de la socialisation* [Sociologia. Estudos sobre as formas da sociação]. Paris: Presses Universitaires de France, 2013.

_____. *Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.

_____. *As grandes cidades e a vida do espírito*. Mana. Rio de Janeiro, vol.11, no.2, out. 2005 [1903], p.577-591.

_____. “O conceito e a tragédia da cultura”. In: SOUZA, Jessé; OELZE, Berthold. *Simmel e a modernidade*. 2ª edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014a, pp. 77-105.

_____. “O indivíduo e a liberdade”. In: _____. *Simmel e a modernidade*. 2ª edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014b, pp. 107-115.

SOUZA, Jessé; OELZE, Berthold. *Simmel e a modernidade*. 2ª edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília; 2005.

VIEILLARD-BARON, Jean-Louis. “Introduction”. In: SIMMEL, Georg. *Philosophie de la modernité: La femme, la ville, l'individualisme* [Filosofia da modernidade: a mulher, a cidade o individualismo]. Paris: Payot, 1989, pp. 7-64.

WAIZBORT, Leopoldo. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Editora 34, 2013.